

Recensão Crítica

Benkler, Y., Faris, R., & Roberts, H. (2018). *Network propaganda: Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics*. Oxford: Oxford University Press.

https://doi.org/10.14195/2183-6019_11_7

A problemática da desinformação, e, sobretudo, a sua intromissão em processos eleitorais, passou a ocupar um espaço matricial no debate público desde 2016, com o referendo do Brexit e a eleição de Donald Trump, seguidos de processos similares em diferentes países. A vaga de líderes populistas ressaltou não apenas a natureza altamente contestada da democracia liberal, mas as transformações no ecossistema mediático e nas próprias dinâmicas comunicacionais derivadas da expansão da internet e, destacadamente, da ascensão das plataformas de redes sociais. Neste sentido, Benkler, Faris e Roberts (2018) oferecem uma análise compreensiva dessas transformações a partir do caso dos Estados Unidos. Os autores buscam identificar se as novas redes conectadas, por sua capacidade de moldar a realidade e influenciar a formação de opinião, estão a destruir a democracia.

O objetivo proposto é “entender quais atores foram responsáveis por essa transformação da esfera pública americana e como essa nova esfera pública operou através desses atores para torná-la tão vulnerável à desinformação, propaganda e besteira”

(p.8). Para tanto, os autores utilizam análise de rede e estudos de caso de conteúdos jornalísticos e de publicações nas redes sociais sobre escândalos como o PizzaGate, a investigação da conexão entre Trump e a Rússia e questões politicamente fraturantes na sociedade estadunidense, como imigração e racismo. Esse caminho é introduzido na parte 1, com uma análise detalhada da arquitetura do ecossistema mediático do país e suas conexões políticas. Na parte 2, os autores se aprofundam nas estruturas da nova direita dos EUA e discutem o papel de sites “extremos”, como o Breitbart, e de organizações *mainstream*, como a Fox News, na circulação de desinformação e do que consideram propaganda política. O sistema de distribuição dos conteúdos nas redes sociais destaca-se da parte 3, onde é examinado o papel manipulador de algoritmos, “bots” e “fazendas de trolls”. Por fim, a parte 4 analisa a polarização na política dos EUA resultante deste processo e as origens dos padrões assimétricos dos ecossistemas descritos na parte 1.

Os autores contribuem para a definição da desinformação e o

desenvolvimento de abordagens mais robustas para o estudo do fenómeno, recorrendo a autores como Bernays e Lippmann. Benkler e seus colegas situam a sua análise num enquadramento histórico e teórico mais amplo do estudo da propaganda política, que permite melhor examinar os ecossistemas e a sua expansão. O conceito de propaganda ainda se percebe pouco explorado nas pesquisas sobre desinformação, centradas na similaridade com as notícias. Conteúdos enganosos se imiscuem como jornalísticos em busca de credibilidade e, como evidenciam os autores, ambos acabam por disputar a audiência nos mesmos ecossistemas. Estudos mais recentes mostram, porém, a emergência de formatos e discursos de propaganda política, nomeadamente em contextos eleitorais.

A desinformação não deve ser analisada de forma isolada, assim como as audiências tendem a não construir hábitos de utilização plenamente excludente, por exemplo, entre postagens no Facebook e reportagens de televisão, organizações que, por sua vez, também distribuem conteúdo na rede social. No curso da

investigação das decorrências dessas constantes transformações, Benkler et al. demonstram que dentro deste novo ecossistema mediático maior emergem diferentes ecossistemas que operam com sua própria lógica. As evidências contrapõem análises mais restritas a uma ou outra rede social. Ao incluir, por exemplo, os media tradicionais e, principalmente, verificar as interações entre diferentes produtores e plataformas, os autores estabelecem um panorama mais detalhado e relevante.

Neste campo de análise, Benkler e seus colegas identificam, em particular no ecossistema mediático da direita, o que definem como “propaganda feedback loop” (p. 75). As evidências mostram que as histórias falsas são lançadas por sites “extremos”, como o Breitbart ou o InfoWars, que não seguem “normas jornalísticas”. Essas histórias são retransmitidas por veículos maiores, como a Fox News e o Daily Caller, que “afirmam seguir as normas”, mas falham diante das histórias desses sites, em alinhamento ideológico.

O ecossistema mediático não deve ser analisado de forma isolada, mas é um isolamento, o da audiência, talvez o principal resultado da pesquisa.

Benkler et al. mostram que “o ecossistema mediático da direita difere categoricamente do resto do ambiente mediático” e tem sido “mais suscetível a desinformação” (p. 13). A partir do “propaganda feedback loop” e de escolhas das audiências, a dinâmica no ecossistema da direita “tende a reforçar as declarações partidárias, independentemente de sua verdade, e a punir os atores – sejam eles media de comunicação ou políticos e especialistas – que insistem em falar verdades incompatíveis com os quadros e narrativas partidárias dominantes no ecossistema” (p. 75). Desta forma, aqueles que interagem com sites de direita extremos tendem a se afastar de conteúdos dos media profissionais, que poderiam corrigir exageros e distorções hiperpartidários. Esta dinâmica, demonstram os autores, não encontra paralelo em níveis de visibilidade e confiança em ecossistemas de esquerda, onde há menor atuação de sites extremos e maior interação das audiências com os media profissionais como contraponto.

Complexidades e limitações tradicionais deste campo foram superadas por Benkler e seus colegas

com a utilização de uma abordagem histórica, cultural e crítica em conjunto com métodos empíricos como a análise de rede, o que permitiu analisar criticamente os ecossistemas, bem como as suas estruturas e operações assimétricas. A partir de uma amostra de milhões de conteúdos publicados no Twitter, no Facebook e por outras mais de 40 mil fontes de notícias online, como sites de jornais ou de emissoras de televisão, os autores constroem mapas de rede que demonstram como os conteúdos se espalham entre múltiplas conexões, que incluem pessoas individuais, plataformas de redes sociais e organizações de notícias. Mapas para cada estudo de caso indicam como diferentes modos de influência e tipos de movimento determinam as formas de propagação dos conteúdos.

A relevância dos resultados desta obra prende-se justamente com a capacidade de os modelos de análise desenvolvidos verificarem simultaneamente, através de múltiplos pontos de entrada, as redes sociais, as organizações de notícias (tradicionais e hiperpartidárias), os hábitos de publicação e compartilhamento e até os anúncios

políticos direcionados. A metodologia requer, contudo, conhecimento considerável do que é desenvolvido na área e pode não atingir um público maior, para além do acadêmico, como pretendido pelos autores.

Muito se fala de câmaras de eco, filtros-bolha e algoritmos em estudos de desinformação. Os autores demonstram empiricamente o papel e o funcionamento dessas ferramentas, sem desconsiderar, contudo, o papel e as escolhas das audiências, num ambiente cada vez mais personalizável. Benkler e seus colegas não são capazes de responder de forma definitiva a audaciosa pergunta que fazem: “pode a democracia sobreviver à internet?” (p. 289). Concluem apenas que o resultado é ao mesmo tempo “otimista e pessimista sobre as possibilidades de democracia numa era de comunicações em rede de forma onipresente” (p. 386). Contudo, para além dos contributos já discutidos, o livro mostra que é simplista apenas responsabilizar as plataformas. É necessário considerar que por trás de cada publicação e compartilhamento há o comportamento do cidadão. A problemática não reside exclusivamente

nas ferramentas, mas, principalmente, na utilização que se faz delas – o que reforça a importância de ações de literacia e de um jornalismo que retome o seu papel.